



Bolsas		Pontuação B3		Dólar		Salário mínimo	Euro	CDI	CDB	Inflação
Na quinta-feira		Ibovespa nos últimos dias		Na quinta-feira		Últimos	Comercial, venda na quinta-feira	Ao ano	Prefixado 30 dias (ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
0,57%	0,97%	128.967	128.481	R\$4,915	(- 0,44%)	R\$ 1.412	R\$ 5,345	11,15%	11,14%	Julho/2023 0,12
São Paulo	Nova York	29/1	30/1	31/1	1/2					Agosto/2023 0,23
										Setembro/2023 0,26
										Outubro/2023 0,24
										Novembro/2023 0,28

COMÉRCIO EXTERIOR

Produtores e Macron contra Mercosul e UE

Manifestações em pelo menos 15 dos 27 países que compõem o bloco europeu ameaçam negociações com sul-americanos. Presidente francês é um dos maiores opositores ao acordo cujas tratativas se arrastam há mais de duas décadas

» VICENTE NUNES
Correspondente

Lisboa — Se havia alguma chance de o acordo entre o Mercosul e a União Europeia sair neste ano, ela foi enterrada, diante dos protestos de agricultores que tomam conta da Europa. As manifestações já atingem pelo menos 15 dos 27 países que formam o bloco europeu, com ações cada vez mais violentas, como as registradas ontem em Bruxelas, na Bélgica. Centenas de produtores rurais atearam fogo em pneus, atiraram pedras e ovos em policiais e fecharam várias estradas do país, com tratores e caminhões. Em Portugal, o dia também foi marcado por rodovias bloqueadas e muitos ataques ao governo.

Segundo os agricultores, a Comissão Europeia deve interromper imediatamente as negociações com o Mercosul, pois a facilitação para a importação de produtos de Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai vai massacrar o setor agrícola europeu, por causa da concorrência desleal. A França, onde as manifestações dos ruralistas duram 15 dias, já tinha se colocado contra o andamento das conversas do bloco europeu com o Mercosul. Agora, esse posicionamento foi endossado pela Irlanda e deve receber apoio de Áustria, Bélgica e Holanda. Diante desse quadro, não há como a Comissão Europeia continuar dialogando com os sul-americanos. O Brasil já foi avisado disso.

O acordo entre o Mercosul e a União Europeia vem sendo discutido há mais de 20 anos. Desde que retornou ao Palácio do Planalto, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva colocou como um de seus principais objetivos o fechamento do pacto comercial entre os dois blocos econômicos. Para isso, tratou diretamente sobre o tema com vários chefes de Estado e com a presidente da Comissão, Ursula von der Leyen, que sempre apoiou o fechamento de um tratado, assim como Portugal e Espanha.

No entanto, esse discurso favorável ao acordo perdeu força ante as manifestações crescentes do setor agrícola, que é muito organizado e faz barulho com seus

AFP



Produtores rurais desafiam polícia na Praça Luxemburgo, perto do Parlamento Europeu em Bruxelas: proximidade de eleições é complicador

tratores e caminhões fechando estradas e paralisando cidades.

Os ruralistas europeus mais radicais também fazem ataques diretos ao Brasil, hoje um dos maiores produtores de alimentos do mundo. A gritaria contra a entrada maciça de mercadorias brasileiras na União Europeia a preços muito competitivos ficou clara nos protestos desta quinta-feira em Bruxelas. O coro nesse sentido ainda é fraco, porque a Europa não tem hoje como sobreviver sem os produtos brasileiros, em especial, grãos e carnes. O Brasil já se tornou o quinto maior exportador para a Espanha, que enfrenta uma seca severa, com forte queda na produção agrícola.

Demandas são muitas

Os agricultores belgas, que se posicionaram em frente ao Parlamento Europeu,

escolheram esta quinta-feira para protestar em Bruxelas, por causa da reunião de cúpula extraordinária que tem como tema principal a Ucrânia. Depois de muitas negociações, os 27 países aprovaram um novo pacote de apoio à economia da Ucrânia, de 50 bilhões de euros (R\$ 280 bilhões). O único voto contrário a esse socorro era o do primeiro-ministro da Hungria, Viktor Orbán, que acabou cedendo. Esse apoio bilionário colocou mais fogo nos protestos dos ruralistas, que se sentem desprestigiados e pouco ouvidos pela União Europeia.

Para tenta acalmar os ânimos e indicar que está disposta a negociar, a Comissão Europeia atendeu a um dos pleitos dos agricultores e suspendeu a entrada em vigor de parte do pacote verde, que passou a valer neste ano e tem como objetivo fazer a transição da região

para um plantio mais sustentável. Estava previsto que os ruralistas não poderiam mais cultivar em 4% das terras aradas, para que o solo se regenerasse. Mas as reclamações foram tantas, que os dirigentes europeus preferiram recuar nesse ponto. Mesmo assim, as queixas dos produtores continuam elevadas. Em Portugal, eles fecharam as estradas um dia depois de o governo anunciar um pacote de 400 milhões de euros (R\$ 2,5 bilhões) de apoio ao setor.

Apesar de o tema agrícola não estar previsto na agenda da reunião de cúpula da Comissão Europeia, o presidente da França, Emmanuel Macron, deixou claro que os protestos dos ruralistas seriam tratados em paralelo no encontro. No entender dele, não interessa a nenhum governo da região que as manifestações continuem. Para o francês e outros

governantes, o setor agrícola tem razão em boa parte de suas reivindicações, e, por isso, deve ser ouvido e atendido na medida do possível. As demandas são muitas e variam de um país para o outro, indo da redução dos preços dos combustíveis à oferta de crédito mais barato.

Os líderes europeus também estão atentos às eleições parlamentares deste ano. Em junho, serão escolhidos 720 representantes dos países que vão compor o Parlamento e definir os futuros líderes da região. Os agricultores têm encontrado eco nos partidos de extrema direita de vários países, o que pode impulsionar as candidaturas de radicais que são contra o bloco, atacam a política ambiental e a presença de imigrantes na Europa. Os governos, acredita Macron, não podem se omitir agora sob o risco de colherem péssimos frutos logo ali na frente.

Manifesto de varejistas

» RAFAELA GONÇALVES

Um manifesto assinado por 48 entidades dos setores do varejo e da indústria foi enviado ontem ao Ministério da Fazenda pedindo o fim da isenção de produtos importados de até US\$ 50. O documento diz que é “injustificável a demora do governo em analisar o retorno do imposto” e pede uma reunião com o ministro Fernando Haddad.

“Não há mais o que aquilatar, considerando os claríssimos efeitos nocivos dessa benesse na indústria e no varejo nacionais, decorrentes da falta de isonomia tributária. Estabeleceu-se concorrência desigual contra as empresas brasileiras, que já reportaram às autoridades os impactos em termos de perda de mercado”, diz o documento.

Desde que a Fazenda implantou, em agosto de 2023, o programa Remessa Conforme, que permite aos sites internacionais de comércio eletrônico a isenção de imposto de importação, varejistas têm encabeçado um movimento contra a regulação. O setor alega que a incidência de impostos sobre suas operações é muito maior do que os 17% cobrados das empresas estrangeiras.

“A cada dia, as perdas em produção e vendas, com reflexos negativos nos empregos, vão crescendo exponencialmente”, destaca o texto do setor varejista.

A advogada Anna Dolores Sá Malta, professora de Direito Tributário e Aduaneiro, lembrou que os produtos chineses possuem uma alta competitividade quando comparados aos preços do varejo brasileiro. “O produto externo se torna muito mais atrativo que o produto interno em alguns casos. Do ponto de vista concorrencial, de fato existe uma razão para essas manifestações”, avaliou.

A Receita Federal mantém a posição. O segundo relatório bimestral do programa Remessa Conforme (PRC) recomendou a manutenção da alíquota zero nas importações de até US\$ 50. De acordo com o documento, é preciso mais dados a respeito das remessas internacionais para definir mudanças na alíquota.

Governo confia no diálogo com Bruxelas

» ROSANA HESSEL

Apesar do barulho que o presidente da França, Emmanuel Macron, vem fazendo a fim de minar o acordo entre União Europeia (UE) e Mercosul, integrantes do governo brasileiro negam qualquer interrupção nas negociações e minimizam a crise deflagrada pelos agricultores europeus.

A Comissão Europeia é o órgão responsável pelas negociações da UE com o bloco sul-americano, lembram membros do governo e especialistas. “As declarações de Macron e equipe não têm poder de veto nas negociações. O que ele está fazendo é dar o endereço de Bruxelas

para os agricultores”, disse uma fonte da diplomacia brasileira. Ela citou as declarações que o chanceler alemão, Olaf Scholz, e o primeiro-ministro da Espanha, Pedro Sánchez, deram, ontem, em defesa do acordo após as críticas da França.

Em Bruxelas, Sánchez afirmou a jornalistas que, “para a Espanha, o Mercosul é importante na relação econômica e geopolítica que devemos ter com um continente tão importante”. Enquanto isso, o chanceler alemão afirmou ser “um grande fã de acordos de livre comércio e também do Mercosul”.

Na véspera, o ministro da Economia francês, Bruno Le Maire, declarou que seu país fará o que

for necessário para que o acordo de livre comércio UE-Mercosul, “não seja assinado como está”. As negociações entre os dois blocos foram retomadas na semana passada e devem prosseguir apesar dos protestos dos franceses.

De acordo com Rubens Barbosa, ex-embaixador do Brasil em Washington e principal executivo (CEO) do Instituto Relações Internacionais e Comércio Exterior (Irice), não existe uma nova crise nas negociações do acordo comercial entre UE e Mercosul. “Não há crise. Por razões de política interna, Macron não tinha alternativa. A Comissão Europeia, que é quem negocia com o Mercosul (não os governos), manteve

as negociações com o Mercosul”, destacou Barbosa.

“Esse acordo é importante geopoliticamente para a Europa e para o Mercosul. Em vista das dificuldades com os agricultores na Europa, as negociações devem se estender por mais alguns meses, mas, na minha opinião, deverão concluir-se satisfatoriamente”, avaliou o diplomata, reforçando as manifestações da Alemanha, da Espanha e de outros países europeus favoráveis à conclusão do acordo. “E eles disseram isso publicamente”, frisou.

O especialista em relações internacionais Welber Barral, sócio da BMJ Consultores Associados, avaliou que há uma chance

pequena de o acordo UE-Mercosul avançar neste ano. “O protecionismo agrícola na França não é novidade. A grande questão é que quem negocia o acordo com o Mercosul é a Comissão Europeia, que tem um que um apoio importante da Alemanha e da Espanha. Então, há uma chance pequena de avanço, apesar da resistência da França”, disse.

Para o economista Otaviano Canuto, ex-vice-presidente do Banco Mundial, não há como prever que esse acordo continue em pé na atual conjuntura. “É difícil dizer que sim, com Macron querendo limpar a barra com os fazendeiros franceses”, comentou.



Não há mais o que aquilatar, considerando os claríssimos efeitos nocivos dessa benesse na indústria e no varejo nacionais, decorrentes da falta de isonomia tributária”

Trecho do manifesto do setor varejista contra a isenção a produtos importados de até US\$ 50